

Citações

RODRIGO ALMEIDA

LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais ainda, 1972/1973. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

“O budismo, este é o exemplo trivial por sua renúncia ao próprio pensamento. O que há de melhor no budismo é o Zen, e o Zen consiste nisto: em te responder com um mugido, meu amiguinho. É o que há de melhor quando se quer naturalmente sair desse negócio infernal, como dizia Freud.” (LACAN, 2008, p. 123)

LACAN, J. **O seminário, livro 24**: L’insu que sait de l’une bévue... (1976-1977). Lição de 18 de abril de 1977. (Inédito)

“O sentido isso tampona, mas com ajuda daquilo que se chama escritura poética, vocês poderiam ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica. É absolutamente certo que a escritura não é aquilo pelo que a poesia, a ressonância do corpo se exprime.” (LACAN, Seminário 24, Lição de 18 de abril de 1977)

LAURENT, É. Vigências de três exigências deduzidas dos ensinamentos de Lacan sobre as psicoses. *In: Versões da clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

“A psicanálise tem em comum com o budismo o fato de que não estamos na psicanálise para falar; sabemos, por experiência, que cada um de nós fala para, no final, encontrar a paz de se calar. Se é preciso fazer esforços para falar, é para, no final, podermos-nos situar num ponto onde, o que existe, não são palavras, mas uma resposta que, para os neuróticos, é a resposta do gozo. E nesse lugar está, como sublinha Lacan, a paz, a justificação para o tormento que é falar. No final, algo que não é um outro significante vem responder ao nosso chamado, porque tudo o que um outro significante produz é o reinício do ciclo infernal.” (LAURENT, 1995, p. 119)

LAURENT, É. Política do passe e identificação dessegregativa. **Opção Lacaniana**, Rio de Janeiro, n. 82, p.47-57-, abr. 2020.

“[...] o analista só interpreta porque faz parte do inconsciente e se faz o produto de sua operação.” (LAURENT, 2020, p. 47)

MILLER, J-A. O inconsciente e o corpo falante. **Portal Associação Mundial de Psicanálise**, [s. l.], 30 set. 2014. Disponível em: <https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.tPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>. Acesso em: 21 jun. 2021.

“Essa metáfora, a substituição do inconsciente freudiano pelo *falasser* lacaniano, fixa um lampejo. Proponho tomá-la como índice do que muda na psicanálise no século XXI, quando ela deve levar em conta outra ordem simbólica e outro real diferentes daqueles sobre os quais ela se estabeleceu.” (MILLER, 2014, [s. p.])

“Em contrapartida, o *sinthoma* de um *falasser* é um acontecimento de corpo, uma emergência de gozo. O corpo em questão, aliás, nada diz [...]” (MILLER, 2014, [s. p.])

“Na época do *falasser*, digamos a verdade, analisa-se qualquer um. Analisar o *falasser* demanda jogar uma partida entre delírio, debilidade e tapeação.” (MILLER, 2014, [s. p.])

MILLER, J-A. (1995-1996) **La fuga del sentido**: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2012.

“Si la interpretación analítica es aquello por lo cual se asegura lo real, entonces es del orden de la formalización, en la medida en que solo la formalización matemática alcanza un real. Es eso lo que Lacan explica. Eso implica que la interpretación analítica se hace, como la formalización, al contrario del sentido.” (MILLER, 2012, p. 158)

“En ‘R.S.I’ Lacan eligió el significante divorciado del significado, y casado, si puedo decirlo, con el goce. Toda la construcción que da a ese momento consiste en decir que el inconsciente es relativo a lo simbólico y que el significante tiene esencialmente efectos de goce. El sentido está en otra dimensión, está en lo imaginario.” (MILLER, 2012, p. 274)

MILLER, J- A. **A erótica do tempo. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.**

“Com a interpretação do acontecimento o ponto de infinito cessa de não se escrever. [...] o acontecimento só se inscreve sobre o fundo de impossível, nunca sobre o fundo de possível. [...] O que é da ordem do acontecimento propriamente dito é o que não poderia ocorrer, ou seja, tudo aquilo que sai do círculo do possível. Esse é o sentido preciso que Lacan dá a contingência.” (MILLER, 2000, p. 59)

BARTHES, R. Uma problemática do sentido. In: **Inéditos vol. 1: Teoria**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 104-138.

“Uma terceira forma de regime do sentido seria um regime de assemia, ou seja, ausência do sentido, ou melhor, de isenção de sentido. [...] isenção de sentido é, portanto, um estado do sentido infinitamente mais difícil de realizar, é uma espécie de vazio do sentido, ou melhor, o sentido lido como vazio.” (BARTHES, 2004, p. 117).